

Credenciado por ANTONIO C. ROCHA-CAMPOS

¹Departamento de Geologia Geral, Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

²Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM), Superintendência do Recife, PE.

As coberturas sedimentares Cambro-Ordovicianas da Província Borborema apresentam distribuição irregular, pequenas áreas, resguardadas da erosão pelas bacias sedimentares fanerozóicas. Dois tipos de ocorrências são distinguíveis.

O primeiro grupo ocorre principalmente na porção ocidental da província, sendo constituído por rochas sedimentares e vulcânicas, cujas tectônicas condicionadora e deformadora estão associadas a componentes (extensionais e compressionais) das "shear zones" lineares que caracterizam a Borborema. Trata-se de clásticos imaturos e associações vulcano-sedimentares geradas em pulsos, com plutonismo anorogênico e enxames de diques subordinados. Este grupo de ocorrências é o registro da fase final de "escape tectonics" da Borborema, sendo portanto, bacias extrusivas do tipo LL.

O segundo grupo de ocorrências é associado com a fase final de evolução do Sistema Sergipano, a sudeste da província, e inclui bacias do tipo "intradeep" (IF) e "foredeep" (MS). As intrafossas (Juá e Serra do Cágado) são riftes do interior do sistema, e a antefossa (Lagarto-Tobias Barreto) está situada na borda nor-nordeste do Cráton do S. Francisco. Constam de sedimentos clásticos imaturos, grossos, com gradação lateral para psamitos continentais e algum retrabalhamento marinho, na antefossa. Nesta, precedem estes depósitos algumas seqüências sedimentares advindas da faixa móvel. Apenas para este grupo de bacias o termo "molassa" pode ainda ser aplicado.

Para os dois grupos de bacias descritos controle geocronológico disponível é insuficiente, ao nível de reconhecimento, indicando uma idade imprecisa do final do Neoproterozóico Superior ao limiar do Ordoviciano. — (30 de novembro de 1995).

PALEOCORRENTES DA FORMAÇÃO PIRAMBÓIA

SÉRGIO LUÍS FABRIS DE MATOS^{1*} E

ARMANDO MÁRCIO COIMBRA²

Credenciado por JOSÉ V. VALARELLI

¹Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

²Departamento de Paleontologia e Estratigrafia, Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

A Formação Pirambóia, unidade inferior do Grupo São Bento (Mesozóico da Bacia do Paraná) no Estado de São Paulo sobrepõe-se discordantemente, em contato abrupto, à Camada Porangaba, esta reconhecida no topo do Grupo Passa Dois.

A orientação dos paleoventos responsáveis pela instalação do deserto foi determinada através de medidas de estratificações cruzadas acanaladas de médio porte, nos primeiros 5 m basais da Formação Pirambóia.

O azimute do vetor médio foi calculado em distribuições circulares, contínuas ou em intervalos com dimensões e limites variáveis. Estes foram rotacionados de 5° até que os resultados se aproximassem daqueles obtidos nas distribuições contínuas. A análise de confiabilidade dos azimutes dos vetores médios resultantes foi obtida a partir da consistência e desvio padrão angular das distribuições.

Foi definido como intervalo modal aquele com valor de medidas superior à frequência média (somatória dos dados dividida pelo número de intervalos) mais um desvio padrão. As análises modal e polar permitiram classificar as distribuições pelo número de modas (unimodais, bimodais e polimodais) e quanto ao ângulo formado entre os valores médios destas (unipolar, bipolar e randômica). As bipolares podem ser aguda, ortogonal, aberta ou simétrica, quando os ângulos entre modas forem, respectivamente, de 60°, 90°, 120-150° e 180°.

O azimute resultante S-SE (148°), obtido a partir dos diversos pontos amostrais, demonstra que após o recuo do mar permiano, com a conseqüente continentalização da bacia, as paleocorrentes eólicas atuaram rumo às áreas emersas. — (1 de dezembro de 1995).

*Pós-graduação.

PROSPECÇÃO REGIONAL NO VALE DO RIBEIRA, POR GEOPROCESSAMENTO, DE SULFETOS EXALATIVOS E HIDROTERMAIS

ARLEI BENEDITO MACEDO¹,

CARLOS CÉSAR DE ARAÚJO¹ E

GINALDO A. DA CRUZ CAMPANHA²

Credenciado por JOSÉ V. VALARELLI

¹Instituto de Geociências, USP.

²Instituto de Pesquisas Tecnológicas, IPT.